

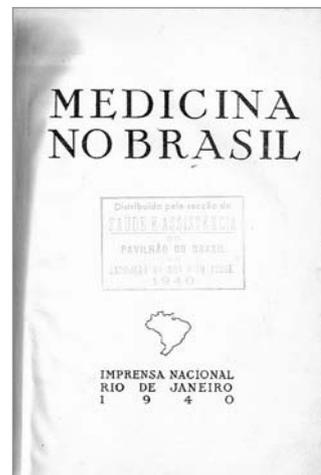
## Resenha

### Do livro “Medicina no Brasil”

Autor: Leonídio Ribeiro

(Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1940), por Mario de Andrade.

O interesse do escritor, musicólogo e folclorista Mario de Andrade (1893-1945) pelas ciências da saúde evidencia-se em alguns de seus principais trabalhos, explicitado inclusive no sugestivo título de um deles *Namoros com a medicina* (1937). Em *Macunaíma* (1928), “o herói sem nenhum caráter” redige uma missiva para as “Senhoras Amazonas” na qual reporta-se aos “generosos hospitais”, aos “lindíssimos leprosários”, à visita que fez ao Instituto Butantan – “estabelecimento famoso na Europa” – onde deixou no livro de visitas o dístico “pouca saúde e muita saúde, os males que o Brasil são”.



“Porém, senhoras minhas! Inda tanto nos sobra, por esse grandioso país, de doenças e insetos por cuidar!... Tudo vai num descalbro sem comedimento, estamos corroídos pelo morbo e pelos miriápodes! Em breve seremos novamente uma colônia da Inglaterra ou da América do Norte!.. Por isso para a eterna lembrança destes paulistas, que são a única gente útil do país, e por isso chamados de Locomotivas, nos demos ao trabalho de metrificarmos uma dístico, que se encerram nos segredos de tanta desgraça.”

(Macunaíma, 1928)

Na resenha do livro *Medicina no Brasil* do médico Leonídio Ribeiro (Imprensa Nacional, Rio, 1940), Mario de Andrade retoma alguns desses temas, em particular da medicina paulista, abrindo novos caminhos de investigação.

A resenha foi publicada originalmente na seção *Variedades* da revista *Publicações Médicas*, de setembro/outubro de 1940 (págs. 67 a 73). A Revista, editada pelo Laboratório Rhodia, teve vida longa: o primeiro número data de agosto de 1929 e o último, em 1964. Durante 31 anos publicou 214 edições, contendo artigos de diferentes especialidades médicas e seções denominadas *Utilidades*, *Noticiários* e *Variedades*, nas quais além de médicos, escreveram escritores de renome, como Nuto Sant’Anna, Amadeu Amaral, Mario de Andrade. A Coleção encontra-se na Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

## A Medicina em São Paulo

Mario de Andrade

A posição de São Paulo na Federação Brasileira é muito curiosa. As nossas condições naturais de audácia histórica e de progresso material fizeram com que se criasse no país esse perigoso mito. O Paulista, causador de antipatias, dissensões, esquecimentos, e outras forças dissolventes da nacionalidade. Se eu tivesse me dado a paciência de fichar as vezes em que, nas minhas viagens pelo Brasil, já escutei esta desgraçada frase, “Você nem parece paulista”, não dez nem vinte nomes e momentos eu poderia enumerar aqui, mas algumas centenas deles. No entanto, os meus amigos de outros Estados, graças a Deus, livres do mito e bons conhecedores de São Paulo, me garantem que sou paulistíssimo... Outra documentação curiosa seria registrar as vezes que brasileiros cultos, visitando o nosso Estado, ficam espantadamente maravilhados com a gentileza, a camaradagem, o amor nacional, a brasilidade do paulista. Esperavam a arrogância, a *secura*, uma ponta mal escondida de desprezo e de superioridade... E encontravam apenas um ser lhano, gostoso de frequentar, com vontade de amar, compreensivo.

Tudo isso é muito deplorável e precisava ter fim, pelos malefícios que já tem produzido e ainda produz. Que o paulista tira prazer e incentivo da sua história, das suas iniciativas, do seu nível de cultura, é inegável e nada mais justo. Mas eu quero saber de brasileiro ou de qualquer homem deste nosso mundo estourado, que não se agrada de seus feitos, de suas iniciativas, de suas glórias. O que me interessa, porém, neste artigo, é observar uma face mais delicada do mito. Que o paulista é ajuntador de riqueza é

fazedor de história, ninguém nega mas parece que a nossa contribuição nacional, no sentido de inteligência criadora, não está no mesmo nível de importância que a dessas duas outras atividades vitais. Haveria primeiro que definir mais explicitamente o que seja “inteligência criadora – o que me obrigaria a entrar pelos terrenos ingratos da psicologia e perder tempo e espaço agora. Mas no sentido minúsculo de “inteligência criadora” do nosso mito, inclui-se a nossa contribuição no domínio das ciências e das artes.

Ora, me lembrei de todas essas idéias que aí ficaram acima, lendo esse apaixonante livro sobre a “Medicina no Brasil” (Imprensa Nacional, Rio, 1940) que o Dr. Leonídio Ribeiro conseguiu construir, para que o enviássemos à exposição comemorativa dos centenários portugueses deste ano. Li-o inteirinho em três dias, inteiramente preso pela importância do assunto e pelas verdades agradáveis dispersas pelo livro todo. Realmente não tem sido nada mesquinha a contribuição brasileira à medicina, que se deve confortavelmente concluir da leitura de “Medicina no Brasil” é que o famoso dito pejorativo tem de levar um acréscimo. O Brasil é um vasto hospital ... cheio de médicos de valor.

Mas, à medida que eu lia as quatrocentas e cinquenta páginas do importantíssimo volume, ia também se avolumando em mim a consciência muito satisfeita de que a contribuição de São Paulo para as ciências médicas brasileiras é de valor enorme. Alguns dos maiores vultos da medicina americana, dos maiores institutos, das mais vastas e audaciosas iniciativas são paulistas, demonstrando que a nossa inteligência estadual se desenvolve muito bem pelo menos no campo desta ciência.

Aliás, cumpre reconhecer desde logo que, pelos azares naturais da fatura de um volume de muitos colaboradores, aconteceram duas falhas bastante graves quanto a São Paulo. Uma delas é a respeito das ciências naturais. Neste campo só foram recenseados, aliás muito merecimento, o Jardim Botânico, o Museu Nacional e o Museu Goeldi. Ora, se essa parte, demasiadamente sintética, poderia pelo esforço do resumir – esquecer algumas iniciativas e alguns trabalhos paulistas, a respeito de reflorestamento, o orquidário, os nossos estudos sobre eucaliptus, as nossas paisagens reconstruídas com eles e com pinheiros, que estão inquietando alguns sociólogos, por mudarem o tradicional aspecto da terra; enfim se muita coisa devesse ser esquecida pela síntese ingrata, me parece impossível ignorar o Museu Paulista, os seus estudos de campo das ciências naturais e as suas publicações. Com Von Ihering tais estudos e publicações tiveram

importância capital, despertando o interesse das instituições congêneres de todo o mundo civilizado. E ainda é certo que depois de um pequeno eclipse, necessário para reajustamento do Museu, na sua parte histórica, voltou ele de novo à atividade científica, principalmente com o médico baiano radicado em São Paulo, o Dr. Oliverio Mario de Oliveira Pinto, cujos trabalhos de sistemática ornitológica, no dizer dos entendidos, são de uma perfeição admirável. O Museu Paulista não podia ser esquecido.

A outra falha, talvez mais importante, é a que se deu, quase inevitavelmente, na parte do livro que trata de “Saúde e Assistência”. Ai se compendiarão apenas as atividades do Departamento Nacional de Saúde e a Secretaria de Saúde do Distrito Federal, com um acréscimo de três artigos sobre “Saneamento das Cidades”, “Assistência a Psicopatas” e a “Fundação Ataulfo de Paiva”. Como se vê, a organização sintética do livro levou a omitir a contribuição regional dos Estados, e com isso, Portugal ignorará algumas das nossas maiores benemerências no assunto. Em São Paulo se realizaram as primeiras pesquisas sociológicas sobre assistência hospitalar, na Capital, por intermédio do Departamento de Cultura, da Municipalidade. Trabalho modelar que pode orientar seguramente o Governo quanto à distribuição de hospitais e número de leitos necessários à cidade. Mas o que causa mais dolorosa surpresa é ler-se o que já fez o Departamento Nacional de Saúde, a respeito do combate à lepra e assistência a leprosos. Não há dúvida que bastante tem feito o Departamento Nacional no Brasil todo, mas como só ele foi recenseado nesse assunto, São Paulo saiu horripeladamente prejudicado. Pelo quadro estabelecido, São Paulo parece um ninho de leprosos, com seus 6.855 doentes, apenas superados pelos de Minas Gerais, estimados em 6.938. Ora nós já podemos dizer com certa prosápia que não há praticamente mais leprosos soltos, à espera de assistência hospitalar, em nosso Estado. A enérgica clarividência de nossos governos a esse respeito, a organização modelar que o serviço de assistência aos leprosos obteve nas mãos do dr. Sales Gomes, o entusiasmo, a dedicação que este grande clínico soube incendiar nos seus companheiros de trabalho varreu de São Paulo toda a amarga e perigosa imagem do leproso solto. A hospitalização praticamente é completa. Contou-me um amigo que quando estudava em Berlim, isso ainda antes de 1914, causou verdadeiro alvoroço na polícia e entre médicos o aparecimento de um leproso na cidade. O infeliz que era brasileiro, foi intimado a deixar o país dentro de vinte e quatro horas ou asilar-se no único hos-

pital de leproso existente na Alemanha, lá nos confins dos seus limites com a Rússia de então. Mas antes, tendo o enfermo optado pela saída do país, um grupo de professores e de médicos foi solicitar dele que se deixasse mostrar numa das aulas da Universidade, pois aquela era a ocasião única, que só acontecia de raro em raro, dos alunos estudarem o mal “in loco”. Ao que, aliás, o enfermo generosamente acedeu, contribuindo para a ciência no que não podia mais contribuir para a prática da vida. Não é lícito imaginarmos pessimistamente que a assistência aos leproso arrefeça um dia em São Paulo, pois é um dos nossos grandes títulos de benemerência humana. Antes, é lícito supor que muito breve estaremos naquela mesma situação privilegiada que a Alemanha já conseguira no princípio do século.

Executadas estas duas falhas, o livro sobre “Medicina no Brasil” nos faz inteiramente justiça. Há um homem cujo nome enche o volume e lhe percorre a maioria das páginas, e esse é paulista Oswaldo Cruz. “Certo autor norte-americano, escrevendo a história da medicina, desde as épocas legendárias, reuniu o conjunto de observações no final do trabalho em um quadro sinóptico indicando as principais etapas da sua evolução. Lá se encontrava, entre as mais recentes, o ano de 1908 assim assinalado: “Fundase no Rio de Janeiro o Instituto Oswaldo Cruz. A data verdadeira do acontecimento não é bem esta, porém 1901, quando, no fundo da baía de Guanabara, o Governo criou o Instituto Soroterápico Federal, nome que foi dado oficialmente às precárias instalações improvisadas que ali se construíram para se preparar soro antipestoso, destinado a combater o mal levantino que invadira o Brasil. Neste tempo a medicina brasileira já de muito encerrara a sua fase experimental com os brilhantes trabalhos executados pela Escola Baiana, e de novo voltava ao ritmo clássico das brilhantes lições teóricas e de erudição livresca”. Com essas palavras principia o dr. Artur Neiva o seu bonito estudo sobre “A obra de Oswaldo Cruz e sua projeção na medicina brasileira”. Era Manguinhos que se formava e ia encetar a sua formidável luta contra as doenças e a ignorância nacional. Era Oswaldo Cruz que vinha enfim fundar definitivamente, sem mais solução de continuidade, a medicina experimental no Brasil.

Não preciso compendiar aqui a atuação e os trabalhos de Oswaldo Cruz, estou escrevendo para um meio que os conhece. O que mais assombra nesse homem de gênio é, aliás, uma qualidade bem paulista, a audácia aventureira. Oswaldo Cruz tinha na ciência e nos homens uma fé quase

absurda, sem delicadezas, grosseira, brutal. Ele demonstra, não essa brutalidade dos grandes generais, mas essa outra brutalidade mais sutil, essa força cega em catadupa, que a gente percebe nos verdadeiros gênios, num Beethoven, num Pasteur, num Miguel Arcanjo. Sales Guerra, que também contribuiu à “Medicina no Brasil” com excertos do seu próximo livro sobre o fundador de Manguinhos, nos conta um episódio típico dessa fé brutal e genial de Oswaldo Cruz. O Governo norte-americano resolvera enviar uma esquadra aos nossos mares, em janeiro de 1908. Oswaldo Cruz, tendo ido à Convenção Sanitária do México, dera um pulo a Nova York, para visitar o Instituto de Pesquisas Médicas, criado por Rockfeller. Ora, o presidente Roosevelt, embora soubesse teoricamente que a febre amarela estava extinta no Rio de Janeiro, se inquietava por mandar ousadamente quinze mil ianques a estas praias poucos anos antes malditas. Convidou Oswaldo Cruz a visitá-lo em Washington, e lhe perguntou se os marinheiros corriam algum perigo de contrair a febre. Doze anos antes, o caçatopedeiro Lombardia tivera apenas sete dos seus 240 tripulantes escapos da doença. Cento e oitenta e quatro tinham morrido. Oswaldo Cruz respondeu firme que a maruja norte-americana poderia desembarcar muito calmamente no Rio, não havia mais doença. Ainda o presidente insistiu, lembrando a Oswaldo Cruz que o Rio estava em pleno verão. Ao que teria escutado resposta: “Como se fosse inverno o pessoal poderá permanecer o tempo que quiser, estará lá tão seguro, no tocante à saúde, como em Nova York”. Sales Guerra não deixa de salientar a ousadia desta resposta. Mas que ousadia. Há nela qualquer coisa de bruto, de insensível, de... irracional! Qualquer coisa de maravilhoso, qualquer coisa dessa predestinação violenta e trágica que a gente percebe sempre na vida dos gênios. Qualquer um de nós, mortais comuns, titubearia. Há uma espécie de delicadeza de sensibilidade que vive a nos apavorar a todos, e nos impede de assumir compromissos em que jogamos, assim, toda a significação da nossa vida. Mas Oswaldo Cruz jogou. Venceu essa falsa delicadeza, venceu essa sensibilidade mórbida. Ele tinha a fé absurda que move montanhas, e afirmou. Afirmou como um louco, dessa espécie sublime de loucura que impõe as grandes vitórias humanas. E os quinze mil marinheiros aqui estiveram e daqui saíram, sãos e salvos, talvez apenas com algum peito ferido, e mais condescendência com a graça dócil das mulatas.

Afora os seus feitos memoráveis, a grande criação de Oswaldo Cruz foi Manguinhos. E quem lhe permitiu essa criação foi também um paulis-

ta, o presidente Rodrigues Alves. Chega a ter uma certa qualidade anedótica a paciência, a tenacidade com que Rodrigues Alves acreditou em Osvaldo Cruz e o sustentou contra tudo e todos. No caso, o que de melhor se pode dizer de semelhante clarividência, é que Rodrigues Alves utilizou de uma espécie de... efeito muito nosso também: foi inteligentíssimamente turrão. Emperrou na sua decisão primeira e sustentou o cientista moço achincalhado, vilipendiado, odiado pela opinião pública. E dessa conjugação de um chefe forte e de um médico genial nasceu Manguinhos, a maior glória da nossa ciência experimental. A esta casa, o atual Instituto Osvaldo Cruz, dedica o livro cem páginas, lhe contando os homens e os feitos. Havia no genial criador, um instinto messiânico de prodigiosa força convincente, o que fez com que Manguinhos proliferasse por várias partes do Brasil. É Artur Neiva quem conclue: “Sua gente foi levando o exemplo do mestre pelos Estados, e institutos novos de pesquisas se multiplicaram, originados de Manguinhos: o Ezequiel Dias, em Belo Horizonte, o Biológico, em São Paulo; o Borges de Medeiros, em Pelotas, o Instituto de Patologia Experimental do Norte, em Belém do Pará”.

Depois do vulto universal de Osvaldo Cruz, como iniciativa paulista também de vulto universal, há que lembrar necessariamente Butantan. É curioso saber que este Instituto que viria a dar “solução definitiva ao problema do ofidismo no Brasil”, nasceu com outros destinos. Foi para preparar soro e vacinas contra a peste bubônica que aparecera em Santos e estava invadindo o país, que o Governo de São Paulo criou em 1899 o Instituto Soroterápico de Butantan. A escolha do diretor recaiu, num belíssimo exemplo de instinto divinatório, num clínico ainda moço, pertencente então ao Instituto Bacteriológico, e que cinco anos antes, praticando a medicina no interior do nosso Estado, iniciara suas humildes pesquisas sobre o veneno das cobras, Vital Brazil. Não sei exatamente em que sentido, propício a confusões, o volume chama este outro médico genial de “pesquisador paulista”. A expressão estará certa se considerarmos que Vital Brazil elegera São Paulo para realizar sua vida e nele encontrara o terreno adequado para realizar todas as suas pesquisas admiráveis invenções. Mas a expressão corre perigo de indicar Vital Brazil como nascido em São Paulo, o que não é verdade.

Vital Brazil é mineiro de nascimento; e de mais esta indicação, posso agora estabelecer todas as três faces principais com que a inteligência paulista tem contribuído, de maneira absolutamente excepcional, para

o desenvolvimento da medicina brasileira. Deu-lhe alguns de seus maiores gênios, criou alguns dos seus maiores institutos e soube descobrir e auxiliar, com seu apoio moral e material, algumas das mais prestimosas inteligências científicas nascidas em outros Estados da Federação.

É assim que trouxe para Butantan Vital Brazil, permitindo-lhe realizar a sua obra de benemerência universal. Chamou Adolfo Lutz, um carioca de descendência suíça, que estabeleceu a distinção entre as disenterias bacilar e amebiana, e concluiu notáveis e numerosas investigações originais sobre cnidosporídios e tripanossomas. Soube chamar ainda outro baiano que já se colocou, em definitivo, entre os príncipes da ciência brasileira, Artur Neiva que é uma das inteligências mais múltiplas que o Brasil já tem produzido. Em São Paulo “remodelou totalmente os serviços de higiene; implantou a vacinação obrigatória; recomeçou a campanha contra o tracoma, de há muito extinta; iniciou as grandes campanhas contra as maiores endemias nacionais, malária e ancilostomose”. É com ele que São Paulo toma a iniciativa, no Brasil, de uma das mais belas instituições públicas de higiene: a criação do “Código Sanitário” a que juntou, pouco depois, o complemento necessário do “Código Rural”. Mas Artur Neiva não limitou a sua ação às pesquisas de medicina propriamente e às organizações sanitárias. Já em 1922 pesquisava, com Gomes de Faria, sobre o “pão mixto”, reinicia, no Museu Nacional, as pesquisas de Lund em Lagoa Santa; escreve livros sobre a situação do país com um desassombro esplêndido como dedicação patriótica; São Paulo o consagra, em 1930, dando-lhe para dirigir a Secretaria do Interior onde ele cria a assistência aos psicopatas, o primeiro Departamento de Educação Física do País, o Departamento de Administração Municipal e desenvolve a profilaxia contra a lepra; sobe depois a Interventor no seu Estado natal; cria o Instituto de Tecnologia; obtém a comprovação da existência do petróleo em Lobato; e ainda acha espaço, numa vida cheia, para estudos de filologia. Outro baiano que São Paulo chama para melhorar as suas instituições é Oscar Freire, o discípulo de Nina Rodrigues, que deu a organização definitiva ao Departamento de Medicina Legal da Universidade de São Paulo, 1918. O atual Instituto Oscar Freire.

No grupo das grandes inteligências paulistas da medicina nacional, o volume destaca ainda especialmente, na Introdução, com Lutz e Vital Brazil, Pereira Barreto e Emílio Ribas, formadores de uma “grande escola de medicina”, de onde vieram as noções modernas de etiologia e profilaxia da

ancilostomíase; a identificação de febres prolongadas anômalas com a tifoide européia, etc. Emílio Ribas é o “saneador do Estado de São Paulo” e foi quem, diante da deficiência do soro antipestoso vindo de Paris, teve a idéia da criação do Instituto Soroterápico de Butantan. Como diretor do Serviço Sanitário do Estado, foram vultuosas e valiosíssimas as suas iniciativas, destacando-se entre estas, a inspeção médico-escolar e a criação do Hospital de Isolamento de Santos. Convém ainda celebrar Franco da Rocha e Pacheco e Silva, seu discípulo, criadores de uma verdadeira escola de neurologia em São Paulo, com a contribuição igualmente valiosa do baiano Enjolras Vampre e seus discípulos. As investigações originais desse grupo deram ao Brasil algumas das mais notáveis monografias do assunto. E quanto a institutos e iniciativas coletivas, pelo número e valor, São Paulo só pode sofrer comparação, na América do Sul, com Buenos Aires e o Rio de Janeiro, em muitos pontos se avantajando às duas grandes capitais ibero-americanas.

Será isso razão para que nos orgulhemos? O verdadeiro orgulho, o orgulho consciente, se diferenciado sentimentalismo epidérmico da vaidade, por ser essencialmente dinâmico. Ele é que nos converte àquela humildade impenitente, que reconhece com frieza as deficiências e nos leva a corrigi-las. Se o orgulho for, para nós, uma exclusiva causa de incentivo e de maior engrandecimento da medicina nacional, é justo que já nos orgulhemos da contribuição à inteligência médica brasileira.